

 <https://doi.org/10.20336/rbs.1095>



O lugar das “ideias fora do lugar” na crise da sociologia

The place of “misplaced ideas” in the crisis of sociology

El lugar de las “ideas fuera de lugar”
en la crisis de la sociología

Marcos Lacerda* 

RESUMO

A proposta do artigo é apresentar uma teoria crítica da modernidade alternativa ao cânone das teorias sociais e sociológicas da Europa e dos EUA e construída a partir da periferia do capitalismo, especialmente nas obras de Antonio Candido, Roberto Schwarz e Paulo Arantes. Um dos seus principais propósitos é explicitar os níveis de articulação entre sociedades periféricas e a dinâmica de funcionamento do capitalismo global através do estudo de formas artísticas pensadas como formalizações estéticas de processos históricos, sociais e políticos. Isso numa visada dialética baseada em Hegel, Marx e Adorno, entre outros, ao lado de uma leitura acurada de parte significativa da tradição do pensamento social brasileiro.

Palavras-chave: teoria crítica, modernidade, capitalismo, periferia, pensamento brasileiro.

* Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil.

Doutor em Sociologia pelo IESP/UERJ, integra o laboratório de teoria social Sociofilo/IFCS/UFRJ e o Núcleo de pesquisa Interseccionalidades (PPGS/UFPEL)

ABSTRACT

The purpose of the article is to present a critical theory of modernity that is alternative to the European and American canon of social and sociological theories and is built from the periphery of capitalism, especially in the works of Antonio Candido, Roberto Schwarz and Paulo Arantes. One of its main purposes is to make the levels of linkage between peripheral societies and the dynamics of global capitalism clear by analyzing artistic forms seen as aesthetic formalizations of historical, social and political processes. This is done from a dialectical perspective based on Hegel, Marx and Adorno, among others, alongside an attentive reading of a significant part of the tradition of Brazilian social thought.

Keywords: Critical theory, modernity, capitalism, periphery, Brazilian thought.

RESUMEN

El propósito de este artículo es presentar una teoría crítica de la modernidad que es alternativa al canon de las teorías sociales y sociológicas de Europa y Estados Unidos y construida desde la periferia del capitalismo, especialmente en las obras de Antonio Candido, Roberto Schwarz y Paulo Arantes. Uno de sus principales objetivos es explicitar los niveles de articulación entre las sociedades periféricas y la dinámica de operación del capitalismo global, mediante el estudio de las formas artísticas concebidas como formalizaciones estéticas de procesos históricos, sociales y políticos. Esto se realiza desde una perspectiva dialéctica basada en Hegel, Marx y Adorno, entre otros, junto con una lectura atenta de una parte significativa de la tradición del pensamiento social brasileño.

Palabras clave: teoría crítica, modernidad, capitalismo, periferia, pensamiento brasileño.

Introdução

Este artigo pretende sugerir conexões de sentido entre uma teoria crítica da modernidade, feita no Brasil, com o tema proposto neste Dossiê, a saber, o da crise, crítica e possível reconstrução da sociologia. A nossa forma de inserção em tal tema está diretamente associada à crítica às teorias sociais e sociológicas de centro como formas hegemônicas de interpretação da modernidade. Tais críticas partem do pressuposto de que a modernidade seria pensada, pelo cânone da teoria social e sociológica, sempre a partir da Europa ou dos EUA, com a periferia, incluindo os países coloniais, semicoloniais e pós-coloniais, ocupando uma posição à margem do processo, analisadas muitas vezes como formas sociais anômalas, desviantes, atrasadas, que não se situariam no mesmo nível temporal e espacial dos países centrais.

Existe, como é sabido, uma série de teorias da modernidade alternativas ao cânone, ou seja, alternativas ao modelo hegemônico da teoria social e sociológica europeia e dos EUA, cabendo situar entre elas, por exemplo, as teorias pós-coloniais, cuja base é formada por intelectuais do subcontinente da Índia, mas também se estendendo para uma série de outros intelectuais, de diferentes origens, incluindo caribenhos, nigerianos, moçambicanos, angolanos, argelinos, afro-americanos, entre tantos outros. Também há o chamado giro decolonial (*Ballestrin, 2013*), formado por autores latino-americanos, a partir do grupo Modernidade e Colonialidade.¹ Antes disso, ainda mais, podemos pensar em nomes como os de Aimé Césaire, antilhano, escritor do *Discurso sobre o colonialismo* (1978 [1955]), Franz Fanon, martinicano, autor dos hoje muito celebrados *Peles brancas, máscaras negras* (2020 [1952])- e *Os condenados da terra* (2020 [1961])- , além do palestino Edward Said, autor do livro *Orientalismo* (2007 [1978]).² A explicitação conceitual, e também política, dessas teorias da modernidade teria um papel importante para a uma reconstrução do discurso sociológico da modernidade, ampliando o cânone, ou mesmo colocando em suspenso algumas das suas principais teorias, quadros conceituais e concepções ético-normativas, cujo

¹ Para um estudo mais alentado sobre o tema na América Latina ver, especialmente, Paulo Henrique Martins (2019).

² Não faremos aqui um exercício rigoroso de comparações, aproximações ou mesmo distanciamentos entre essa tradição, ou melhor, uma linhagem dela, com as teorias pós-coloniais ou decoloniais. No entanto, ao longo do texto, veremos, em alguns momentos, possíveis conexões de sentido e também eventuais diferenças, algumas bastante significativas.

sentido poderia ser repensado, alterado ou, em alguns casos, até mesmo descartado, quando pensadas no âmbito da periferia do capitalismo.

A tarefa deste artigo, em especial, é apresentar uma fração de uma teoria da modernidade também alternativa ao cânone, com este mesmo propósito, formada por autores brasileiros cuja formação se dá no ambiente universitário de São Paulo, a partir da década de 1950, destacando as obras de Antonio Candido, Roberto Schwarz e Paulo Arantes. São autores (especialmente os dois últimos) que se formaram ou foram influenciados pelo ambiente de estudos e interesse no marxismo em geral, cabendo destaque para o *Seminário Marx*, grupo de estudo que existiu no final da década de 1950 também em São Paulo, com forte base marxiana, lukacciana e sartreana, especialmente em sua primeira geração. Depois, na segunda geração, com base mais propriamente frankfurtiana, muito aproximada da teoria *crítica* de Adorno e Benjamim – daí falarmos em uma teoria crítica da modernidade.³ Nos dois casos, ainda mais, a partir do estudo de outros autores brasileiros, ou seja, a partir de teorias feitas por intelectuais da periferia do capitalismo, entre eles Joaquim Nabuco, Sérgio Buarque de Holanda, Sílvio Romero, Caio Prado Junior e os próprios companheiros de geração, que vinham já produzindo trabalhos importantes, como Antonio Candido e Florestan Fernandes. Do Seminário fizeram parte, entre outros, autores como Fernando Henrique Cardoso, Arthur Giannotti, Fernando Novais, Octávio Ianni, Michael Löwy e o próprio Roberto Schwarz.

Não estamos falando apenas de ótimos estudiosos das obras de Hegel, Marx, Lukács, ou Adorno, mas de autores que fizeram este conjunto valioso do pensamento europeu tensionar com o pensamento feito na periferia, a partir de visadas que tinham como horizonte de análise da modernidade a realidade social de países como o Brasil, de passado colonial, que passara por um processo de descolonização no século XIX e que estava, até então, em processo de industrialização no capitalismo dependente do século XX. Numa medida, aliás, parecida com o que fizeram alguns dos autores da teoria pós-colonial em relação ao pós-estruturalismo de Foucault e à desconstrução de Derrida, ambas teorias de centro que vieram a influenciar decisivamente

³ Embora não seja o objetivo deste artigo discutir as diferentes formas de apropriação do referencial associado à escola de Frankfurt – tanto entre os autores analisados, Candido, Schwarz e Arantes, quanto em relação a alguns dos seus principais críticos, como Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder – é importante realçar que houve uma série de querelas em torno das leituras de Lukács, Adorno e, numa dimensão menor, Benjamim. Mais propriamente deveríamos falar da incorporação do debate do marxismo do século XX, incluindo aqui também Gramsci.

as teorias que faziam parte da periferia da modernidade ocidental, como as mencionadas mais acima.

A fração que nos interessa está associada ao âmbito da crítica literária e das formas artísticas em geral, embora constituída através de uma mediação sociológica e também filosófica. Portanto, este artigo tem como objeto não toda a geração formada a partir do campo universitário paulistano e do Seminário Marx, mas uma das suas linhagens, cujo objeto principal de análise são as formas artísticas, entendidas como formalizações poderosas de processos sociais, históricos e políticos, o que não significa desconsiderar a importância dos trabalhos sociológicos, históricos e filosóficos especialmente da primeira geração do *Seminário*.

No texto “Um seminário de Marx”, por exemplo, Roberto Schwarz (1999) mostra a importância do grupo de estudos para sua formação, destacando vários aspectos, entre eles o aprendizado da leitura metódica, rente ao texto de *O Capital*; a visada filosófica, diferenciando-se das perspectivas mais propriamente empíricas das ciências sociais; o legado acadêmico e sistemático dos estudos; as diferenças com o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb) e, por extensão, o que vinha sendo feito no Rio de Janeiro; livros como *Questão de Método*, de Sartre, e *História e consciência de classe*, de Lukács; o conjunto de estudos dos colegas de Seminário que o influenciou, numa visada sociológica (Fernando Henrique Cardoso e Maria Sylvia Carvalho Franco), histórica (Fernando Novais) e filosófica (Arthur Giannotti); e, por fim, o que considera “uma intuição nova do Brasil”, associada à articulação entre a “peculiaridade sociológica e política do país [e a] história contemporânea do capital” (Schwarz, 1999, p.93). Além disso, o crítico nota que “A teoria social desenvolvida nas universidades dos países hegemônicos passava a ser examinada com olhos críticos, a validade geral dos consensos sociológicos e econômicos deixara de ser ponto pacífico, e mesmo o seu lado mediocrementemente apologético foi notado” (Schwarz, 1999, p.100), destacando em outra passagem que “só os cientistas sociais dos países subdesenvolvidos possuem condições para resolver problemas metodológicos ou teóricos mal formulados pelos autores clássicos” (Schwarz, 1999, p.102)

No final do texto, no entanto, Schwarz apresenta o que considera ser as principais limitações do Seminário. Entre elas, está o pouco interesse pela crítica de Marx ao fetichismo da mercadoria, o que os levou a dar pouca atenção para os problemas da massificação, da indústria cultural e da

mercantilização da cultura nas sociedades do século XX. Por conta disso, segundo o crítico “faltou ao seminário compreensão para a importância dos frankfurtianos” cujo marxismo sombrio fora capaz de encarar, sem complacência, o nazismo, o comunismo stalinista e o novo ideal da sociedade de massas do *American way of life*. Ao lado disso, ainda mais, pouca atenção se deu às criações artísticas, especialmente a arte moderna, incluindo a brasileira, “a cuja visão negativa e problematizadora do mundo atual não se atribuía confiança” (Schwarz, 1999, p.104). Ora, é justamente aí que se situa, em grande medida, esta linhagem específica que estamos destacando neste texto, incluindo o próprio Schwarz e a acumulação crítica posterior formada por autores como Paulo Arantes, José Miguel Wisnik, Luís Augusto Fischer, Nuno Ramos, Ismail Xavier, entre outros. Todos, em alguma medida, conversando diretamente com as teses da formação, forma objetiva e dialética da malandragem de Antonio Candido.

É preciso notar ainda que não é o propósito central deste texto fazer uma história das ideias, apresentando o contexto social de formação dos principais conceitos desta linhagem específica de uma tradição do pensamento crítico no Brasil. Nossa proposta é bem mais modesta. Trata-se de fazer uma leitura cerrada e metódica, aos moldes do *close reading*, ou da *explication de texte*, seguindo uma metodologia parecida com a que Schwarz vincula também ao Seminário Marx, pleiteada por Giannotti. Segundo o crítico, Giannotti havia aprendido na França “que os grandes textos se devem explicar com paciência, palavra por palavra, argumento por argumento, em vista de lhes entender a arquitetura” (Schwarz, 1999, p.91).⁴No entanto, vale fazer uma última consideração ainda em relação ao debate em torno de uma história das ideias e respectivas disputas de campo. Para além do conflito entre as perspectivas sociológicas do “ecletismo bem temperado” da turma capitaneada por Florestan Fernandes na Sociologia I, a partir da década de 1950, e a perspectiva filosófica e marxiana da turma capitaneada por Arthur Giannotti no Seminário Marx, da primeira geração, temos que levar em consideração também o conflito em relação à sociologia “científica” de Florestan e o ensaísmo crítico e cultural de Antonio Candido, diretamente vinculado à linhagem que estamos analisando, associado à cadeira de Teoria Literária e Literatura Comparada, no mesmo

⁴Para um estudo completo em torno da formação do marxismo paulista e do Seminário Marx, ver Lidiane Soares Rodrigues (2011) e Fabio Mascaro Querido (2024). Para uma análise de um dos seus principais participantes, ver Roberto Schwarz, “Um Seminário de Marx” (1999).

período (Rodrigues, 2011). Candido chegou a dizer que jovens como Roberto Schwarz, Walnice Nogueira Galvão, Davi Arriguci Jr., João Lafetá e José Miguel Wisnik seriam os seus Fernando Henriques e Octávios Iannis, referindo-se aos então alunos formados por Florestan Fernandes (Querido, 2024, p.40). Que este ensaísmo crítico venha a ser considerado como relevante, segundo nossa análise, para se pensar problemas próprios à sociologia contemporânea, incluindo uma possível reconstrução do discurso sociológico, é uma espécie de viravolta do tempo, ou mesmo uma astúcia do espírito dialético e dos processos sociais reais.

1. Teoria e prática: Candido, Schwarz e Arantes

Pois bem, vejamos então quais são os principais eixos analíticos que demarcam os autores que serão analisados neste artigo, a saber, Antonio Candido, Roberto Schwarz e Paulo Arantes, este último como um dos principais sistematizadores desse conjunto de ideias. Como dissemos na introdução, o objetivo do artigo é apresentar uma linhagem de uma tradição de pensamento feita no Brasil, alternativa às teorias da modernidade do centro, seja a partir da Europa ou dos EUA, com base teórica marxiana/dialética e também com o que vamos passar a chamar aqui de *sensibilidade pós-colonial*. Usamos o termo por dois motivos. Primeiro, para mostrar relações possíveis entre essa tradição e as chamadas teorias pós-coloniais e decoloniais, especialmente por conta da boa definição de Maia (2009) que, ao não tratar o pós-colonialismo como um suposto “novo campo de conhecimento ou uma nova moda intelectual produzida nos grandes centros de pesquisa”, permite-nos pensá-lo como “uma posição discursiva alternativa cujas fundações são múltiplas, contemplando, inclusive, a própria tradição intelectual brasileira” (Maia, 2009, p.156). Em segundo lugar, porque, desse modo, conseguimos manter a autonomia intelectual dessa tradição em relação tanto ao que se costuma chamar de “teoria pós-colonial” quanto ao “giro decolonial” latino-americano. Também é importante notar o fato de que os autores, o tempo todo, tratam da problemática colonial usando termos como colonização, descolonização, máquina do colonialismo, entre outros, como parte vital para a construção das suas respectivas análises.

Esta tradição tem dois eixos analíticos centrais: o primeiro se concentra na construção de um pensamento crítico a partir do horizonte local, de

espaços sociais com histórico colonial, semicolonial, pós-colonial ou, como preferimos dizer, da periferia do capitalismo global; o segundo vincula esta primeira perspectiva a um exercício de permanente diagnóstico crítico da *totalidade* e da *atualidade* do sistema capitalista e da modernidade. Ou seja, é a partir do horizonte local que se busca construir uma teoria crítica da modernidade e do capitalismo.

Ela tem também um objeto próprio: o estudo de formas artísticas como expressão de formalizações estéticas poderosas de processos sociais, históricos e políticos. Entre as formas artísticas podemos mencionar a literatura, o cinema, a canção popular, as artes plásticas, o teatro, entre outros. Antonio Candido e Roberto Schwarz são exemplos significativos. Além disso, podemos incluir também como objeto o estudo da história das ideias, incluindo a filosofia, teoria social e sociológica, cuja presença é notável no trabalho de Paulo Arantes.

Esta tradição tem alguns textos que podem ser considerados inauguradores, cuja problemática gerou uma acumulação crítica significativa em diversas áreas do pensamento, entre sociologia, psicanálise, crítica literária, crítica de cinema, crítica da canção, filosofia, ensaio cultural, e assim por diante. Ou seja, trata-se de uma tradição de pensamento notavelmente interdisciplinar, capaz de consolidar um processo de acumulação crítica, que vai sedimentando um conjunto de problemas comuns e se estendendo para uma série de áreas do pensamento e de autores, entre eles, na crítica literária e da canção, José Miguel Wisnik (2003) e Luís Augusto Fischer (2021); na psicanálise Maria Rita Kehl (2018); no ensaio cultural Nuno Ramos; na filosofia Vladimir Safatle (2019), na crítica do cinema Ismail Xavier (1990), entre outros exemplos.

Entre os textos inaugurais, podemos destacar “Dialética da malandragem” (1970), de Antonio Candido e “As ideias fora do lugar” (1973) de Roberto Schwarz, ambos tendo como objeto o Brasil do imediato pós-independência, ou seja, como espaço social com histórico colonial e já se situando numa dimensão pós-colonial. Num quadro mais recente, cabe destacar um texto como “A fratura brasileira do mundo” (2001), de Paulo Arantes, que faz uma longa conversa com a literatura sociológica a respeito das teorias pós-moderna, pós-industrial e da sociedade em rede e, a seu modo, atualiza os textos anteriores, mantendo a visada a partir do horizonte local, e em confronto dialético com as teorias de centro da modernidade europeia ou dos EUA.

Tanto Schwarz, quanto Candido e Arantes conversam com uma longa tradição de pensamento brasileiro, que passa por Silvio Romero, Gilberto Freyre, Emília Viotti da Costa, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Junior, Joaquim Nabuco, Florestan Fernandes, além dos autores de sua geração, já mencionados na introdução deste texto. Assim, podemos dizer que se trata de uma tradição de pensamento brasileiro associada à teoria crítica da modernidade, de extração dialética, com muito de hegeliano, ao mesmo tempo que levando em consideração a virada materialista de Marx e a teoria crítica frankfurtiana, ao lado de uma sensibilidade pós-colonial. Estes três elementos são fundamentais: dialética, sensibilidade pós-colonial e a tradição de pensamento brasileiro.

Poderíamos enumerar algumas das suas principais contribuições da forma como segue:

1. O horizonte local/periferia do sistema capitalista e da modernidade seria capaz de revelar dimensões da *totalidade* e, ponto fundamental, da *atualidade* do capitalismo global de uma maneira que uma visada exclusivamente a partir do Centro (Europa e EUA) não seria capaz. Estes espaços, tanto na condição colonial, quanto pós-colonial, seriam parte ativa do sistema capitalista.
2. A análise a partir do horizonte local nos permite fazer o diagnóstico do capitalismo e da modernidade, ao mesmo tempo que do presente, da atualidade do mundo. Nossos autores fazem assim um duplo movimento:
 - a. colocam em primeiro plano da análise experimentos sociais, históricos e teóricos desenvolvidos no horizonte de espaços com histórico colonial ou pós-colonial, em especial o Brasil, mas podendo, em alguns casos, estender-se também para outros espaços;
 - b. partem do pressuposto de que os problemas observados e teorizados a partir do horizonte da periferia são parte ativa da totalidade e da atualidade do sistema capitalista e da modernidade. São uma das formas de a história mundial se expressar.
3. A teoria crítica da modernidade alternativa ao cânone não se estrutura em binarismos epistemológicos, pelos aspectos apresentados abaixo:

- a. os autores não tomam como único parâmetro as teorias de centro (da Europa ou dos EUA), ao colocar como base uma linhagem teórica e um espaço experimental a partir da periferia;
- b. ao mesmo tempo, não subestimam a operacionalidade e complexidade dessas mesmas teorias de centro, para não cair num contextualismo epistêmico ingênuo. Com isso, negam-se a pensá-las como meros epifenômenos das “estruturas de dominação colonial” europeias ou dos EUA. O fato de sermos parte ativa do sistema faz com que as teorias de centro tenham também operacionalidade entre nós.

Dessa maneira, obtém-se uma perspectiva crítica tanto em relação ao universalismo europeu ou americano como a única perspectiva possível para a teoria social e sociológica, já que a visada é a partir do horizonte local/periferia, quanto em relação a um nacionalismo mítico, ou um exotismo pré-moderno como superação compensatória da condição real, ou seja, material e objetiva, da assimetria entre centro e periferia.

Mas como se pode explicitar a totalidade e atualidade do sistema capitalista a partir da periferia para estes autores? Como mostrar o procedimento de articulação entre sociedades periféricas e funcionamento do capitalismo global? Os autores o fazem a partir dos estudos da formalização estética e conceitual dos processos sociais da periferia do capitalismo. A formalização estética tem um papel fundamental, central mesmo. Um dos exemplos mais notórios são os estudos de Roberto Schwarz a respeito da prosa de Machado de Assis. A prosa de Machado de Assis é considerada uma formalização estética poderosa do modo como podemos ver a totalidade e atualidade da modernidade através da periferia do capitalismo. É por conta disso que Schwarz faz um estudo minucioso da obra do escritor em uma série de textos e livros considerados clássicos da crítica literária e sociológica de extração dialética no Brasil.⁵

É como se na prosa machadiana pudesse ser vista, a partir da mediação crítica de Schwarz, uma sensibilidade de teor pós-colonial, com toda negatividade dialética. Mas a coisa pode se estender. Por exemplo, outras formalizações estéticas importantes são o tropicalismo, o cinema novo, toda

⁵ Casos de *Ao vencedor as batatas* (2000a [1977]) e *Um mestre na periferia do capitalismo* (2000b [1990]), além de uma série de ensaios publicados em livros do autor.

a complexa movimentação da esquerda cultural no período que envolve o pré-golpe e o golpe militar de 1964, e, estendendo um pouco, a obra de Chico Buarque, tanto cancional quanto literária.

No caso de Antonio Candido, temos o texto clássico “Dialética da malandragem” (1970) que dá o pontapé inicial para um tipo de crítica dialética que será fundamental para toda tradição posterior, através da análise do romance *Memórias de um sargento de milícias* (1854). Mas a coisa se estende para muitos outros textos, entre eles o seu estudo sobre o *Cortiço* (1890), de Aluizio de Azevedo e até mesmo um livro seminal como *Formação da literatura brasileira* (1959) que, na perspectiva de Arantes, pode ser considerado como o passo inaugural da análise de base dialética no âmbito dessa tradição de pensamento.⁶

Já em Paulo Arantes a formalização pode ser tanto estética quanto de ordem conceitual, com um estudo sobre a relação entre a produção de ideias e os processos históricos e sociais. Assim é quando o filósofo pensa o lugar possível para a dialética no pensamento contemporâneo, em plena onda hegemônica do pós-estruturalismo, da filosofia da diferença, do neopragmatismo americano ou mesmo dos atuais *Cultural Studies*. É o caso de um livro como *O ressentimento da dialética*, publicado em 1996. Livro que pode ser associado a um outro, publicado recentemente pelo autor: *Formação e desconstrução: uma visita ao museu da ideologia francesa* (Arantes, 2021). O mesmo se nota, aliás, em um texto importante de Schwarz (1987b): “Nacional por subtração”. Nele, a recepção do pós-estruturalismo e da desconstrução no ambiente acadêmico e intelectual brasileiro aparece como referência crítica importante, através do debate que realça a diferença de abordagem com autores brasileiros como Silviano Santiago e Haroldo de Campos.⁷ Outro exemplo mais atual é o trabalho de Vladimir Safatle, especialmente o livro *Dar corpo ao impossível* (Safatle, 2019). A análise conceitual do filósofo se destaca

⁶ É de se notar o esforço de Paulo Arantes em inserir Antonio Candido na corrente nervosa dessa tradição de pensamento, especialmente no livro *Sentimento da dialética*. Fica visível ali a dívida intelectual dele e de Roberto Schwarz, além da relação de sentido entre as obras desses autores. Isso para muito além do texto “Dialética da malandragem”. Na perspectiva de Arantes, a perspectiva dialética de Candido vem desde *Formação da literatura brasileira*, de 1959, e vai se desdobrando em outros livros e artigos. Embora não tendo feito parte da turma do Seminário “Capital”, Candido influenciou decisivamente a obra de nomes como Roberto Schwarz, José Miguel Wisnik e o próprio Paulo Arantes, entre outros.

⁷ Schwarz faz uma boa crítica a textos como *O entrelugar do discurso latino-americano* (2000[1971]), de Silviano Santiago, e *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira* (2011), de Haroldo de Campos, ambos devedores das vagas de pós-estruturalismo e desconstrução.

através das relações possíveis entre a dialética negativa e, novamente, o pós-estruturalismo e a desconstrução. Neste livro, diga-se de passagem, existe também uma série de estudos no âmbito da crítica de formas artísticas, com o autor repetidas vezes mencionando a relevância de tais estudos e as limitações dos que desconsideram a importância do estudo das formas artísticas como meios de explicitar, tornar inteligível ou mesmo ampliar a sensibilidade social e política para além dos enquadramentos institucionais, normativos e até mesmo conceituais. Além do mais, existem dois importantes textos dedicados a relacionar dialética negativa, dialética sem síntese e dialética da malandragem – neste último caso, procurando mostrar que a malandragem, segundo o filósofo, não seria propriamente dialética.⁸

Mas, voltando a Paulo Arantes, ele ainda mais é um dos responsáveis por melhor sistematizar essa tradição, com livros que procuram pensar conceitualmente o lugar dos trabalhos dos seus principais expoentes, entre eles Candido e Schwarz. Dois livros podem ser destacados aqui: *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira* (Arantes, 1992) e, junto com Otilia Arantes, *Os sentidos da formação* (Arantes & Arantes, 1997).

Seria possível, por fim, sintetizar as principais descobertas dessa tradição de pensamento através de um trecho significativo de um texto de Schwarz. O crítico realça a existência de um “elemento dinâmico e irresolvido no Brasil, ou a partir do Brasil, que é, ao mesmo tempo, subjacente às contradições contemporâneas” (Schwarz, 1987b, p. 31). Ele pode ser observado em algumas das nossas melhores produções artísticas, literárias, cancionais. Através dele conseguimos explicitar questões próprias à ordem do mundo, aos problemas do mundo, em suma, ao capitalismo e à modernidade. O elemento dinâmico pode vir transmutado em um tipo de narrador, como o narrador volúvel da prosa machadiana da segunda fase, por exemplo. Mas também através da montagem de composição das peças musicais do tropicalismo. Recuando um pouco, na escrita ambivalente de Sílvio Romero, ou no jogo de polarizações de *Raízes do Brasil*. No ritmo da narrativa de um romance menor do século XIX como *Memórias de um sargento de milícias*, na estética da fome de Glauber Rocha, ou na estilística estético-social de Chico Buarque, entre outros exemplos possíveis.

⁸ Eu me refiro aos textos “A energia negativa das classes subalternas: Paulo Arantes e a matriz transformadora da crítica dialética” e “A dialética do romance nacional: retorno ao debate Roberto Schwarz/Bento Prado Jr” em Safatle (2019).

O elemento dinâmico e irresolvido, a partir do Brasil, pode ser estendido para os países com histórico colonial, semicolonial e pós-colonial, ou mais ainda, para a periferia do capitalismo global. O conceito de periferia é fundamental, aliás, para mostrar, inclusive, algumas das distinções em relação, ao menos, às teorias pós-coloniais. Segundo Safatle, “para além do figurino imposto pelos estudos pós-coloniais [...] essa experiência intelectual crítica fornecerá uma via alternativa para pensar os processos de racionalização social a partir do que se convencionou chamar de ponto de vista da periferia, apreendido em chave dialética” (Safatle, 2019, p.150). Ainda mais, o conceito precisaria ser alargado, na medida em que tal dialética “estará atenta a dinâmicas que, à sua maneira, ressoam processos comuns a sociedades periféricas dispersas no espaço e no tempo de desenvolvimento do capitalismo global, a começar pela sociedade alemã do século XIX, na qual a própria dialética em sua versão moderna emergiu” (p.151). É o próprio Arantes que vai mencionar a importância da descoberta de tal alargamento do conceito: “quando descobri que o Brasil que eu estava estudando via Roberto era uma sociedade nacional periférica e que as sociedades nacionais periféricas a partir do século XIX tendiam a se assemelhar, como Portugal, Alemanha, Rússia, Irlanda, Itália, Áustria etc. Isso foi uma *mina de ouro*”.⁹ Mas, tal qual descrito, ele é subjacente às contradições contemporâneas, ou seja, está integrado, a seu modo, ao sistema-mundo. Não é “parte” do mundo, mas expressão da sua totalidade e, ao mesmo tempo, agente ativo da atualidade do sistema. Tal descoberta permite, a um só tempo, fazer uma teoria com traço pós-colonial, levando em consideração a experiência do Brasil, mas também dos países da América Latina que passaram por um processo muito parecido de colonização e descolonização, com suas respectivas formas de integração perversa ao sistema. Ao mesmo tempo, permite-nos também fazer uma teoria crítica, baseada no marxismo heterodoxo, pois o elemento dinâmico, segundo essa perspectiva, é expressão da totalidade do sistema.

Mas o que entendemos por “totalidade do sistema”, ou melhor, por “totalidade”? Usamos o termo “totalidade” num sentido muito preciso. Estamos nos referindo a uma perspectiva de análise que pressupõe que centro e periferia estão integrados numa totalidade social e histórica que os ultrapassa: o sistema capitalista. Como diz Schwarz, se o horizonte de análise

⁹ Paulo Arantes em “Entrevista” (Nobre & Rego, 1998, p.384). A referência da citação está em Safatle (2019) Voltaremos ao tema mais adiante.

é local, o objetivo mais amplo é global. Outro aspecto importante: o fato de a totalidade os ultrapassar não significa que elas os homogeneiza. Ao contrário, há diferenças significativas entre centro e periferia, e uma visada a partir da periferia ou do centro altera substancialmente a análise e gera outros efeitos de esclarecimento possíveis para se pensar, e voltamos ao termo, a totalidade do sistema. Poderíamos dizer, por fim, que a relação entre centro e periferia gera uma “unidade contraditória”, o que nos permite falar em “conexões recíprocas que os mantêm como unidade entre polos opostos” (Cardoso, 1962, p. 91), ou em “um nexo contraditório que [embora] os sintetize numa unidade maior”, não consegue apagar o sistema de ambiguidades de que tal unidade se alimenta” (Arantes *apud* Caux & Catalani, 2019).

O conceito, importa dizer, é bastante vasto e está presente no debate da teoria social e sociológica, não só nas linhagens marxianas e da teoria crítica. Safatle (2019) o considera fundamental em Adorno, desconfiando do uso apressado que comentadores fazem da conhecida frase do filósofo alemão: “o todo é o não verdadeiro”. Cardoso o utiliza como prolegômeno para o seu primeiro livro que mostra, justamente, as “conexões recíprocas” entre escravidão e capitalismo (1962). Entre as linhagens, existe uma série de variações, como diferenças ou aproximações do seu uso em Hegel, Marx, Lukács, Adorno. A totalidade em Hegel implica num todo sistemático, metaestável que subsume a contingência e os momentos particulares? Ou tratar-se-ia de uma leitura específica de Lukács, em *História e consciência de classe*, entre outros? O conceito de totalidade possui ou não operacionalidade na dialética negativa de Adorno? Deve o conceito ser utilizado apenas para se pensar o modo de produção capitalista que gerou uma sociedade global através do nexu estrutural do valor de troca? Ou, pelo contrário, serve também para pensar a história das sociedades humanas em geral? Como podemos ver, a totalidade se diz de muitas maneiras, assim como o Ser a e dialética, que passaremos a tratar a partir de agora.

2. O sentimento da dialética

Vamos começar com um importante livro de Paulo Arantes: *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira* (1992), em que sistematiza as obras de Antonio Candido e Roberto Schwarz. Arantes sugere a existência da dialética como parte vital do pensamento de Candido, presente desde os

seus primeiros trabalhos, a começar pelo *Formação da literatura brasileira* (1959), em que parece haver algo como uma “lei geral da nossa evolução mental”, baseada na dialética entre localismo e cosmopolitismo. Nota-se isso na oposição complementar entre o universalismo da Arcádia e o localismo do Romantismo que podem, inclusive, trocar de posições e de sentido. É possível observar no romantismo a presença de traços universais, assim como a presença de traços locais no arcadismo.

Segue o autor arrolando mais exemplos, tais como o livro *Tese e Antítese* (1971 [1964]), do mesmo Candido, com uma série de ensaios que explicitam e articulam, em diferentes níveis, os polos local e cosmopolita, com suas variações e mudanças de posição insuspeitas, casos dos estudos sobre Eça de Queiroz, Conrad, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa; do livro *Raízes do Brasil*; da crítica de Sílvio Romero; da análise do poema “Caramuru”; da dialética da ordem e desordem no texto “Dialética da malandragem”; da relação entre espontâneo e dirigido em Cortiço, de Aluísio de Azevedo, entre outros. A dialética estaria presente também na sua própria forma de escrita. O ensaio de Candido está eivado de pares antagônicos, oposições binárias, contradições e conflitos, ordem e desordem, espontâneo e dirigido, contra e a favor, movimento e parada.

Aqui cabe fazer um intervalo importante e destacar quando Arantes (1992, p. 14) trata de Sílvio Romero, a partir da leitura de Candido e, um pouco adiante, de Schwarz. Na forma de conceituação, escrita e temática, o trabalho crítico de Romero pode ser considerado como constituído por uma “agitação turbilhonar”, como se fosse ele análogo à estrutura social do Brasil, denotando uma “imagem nervosa do país, cujas desarmonias e discordâncias profundas nele se projetam”.

O descompasso se dava entre o consumo acelerado de ideias, modas intelectuais vindas do estrangeiro e a monotonia e inércia das relações sociais na colônia. As ideias pairam, se movimentam de maneira voraz, trocam de posições, determinam e indeterminam as coisas, enquanto a realidade social se mantém numa estabilidade quase “pré-histórica”. As ideias e escolas de pensamento vão se desgastando rapidamente, por falta de “atrito com a realidade” e as variações e movimentações entre elas soam caricaturas se comparadas à forma como sucedem e tensionam realidades sociais no centro do capitalismo. É o que mostra também Schwarz (1973, 1987b) com a noção de *lepidez ideológica*.

A partir dos conceitos, da escrita e, mesmo, dos objetos de análise de Candido, é possível observar a expressão conceitual, textual, analítica da “experiência brasileira” que, por extensão, pode ser pensada como “uma certa dualidade que impregnaria a vida mental numa nação periférica”. Este ponto é crucial. Para além da experiência restrita ao território nacional, o que estes autores propõem é explicitar formalmente e sociologicamente um tipo de experiência social, estética e histórica associada à periferia do capitalismo. A questão é que tal análise é feita a partir do Brasil, afinal de contas “não é possível saltar pela própria sombra”. O país é a experiência real vivida por estes intelectuais, que são brasileiros e escrevem, lecionam em língua portuguesa, como atores sociais vinculados ao campo cultural, acadêmico e intelectual do país.

A partir de Candido, pode-se ir ainda mais longe, como vimos já com a prosa crítica do sergipano Silvio Romero. Outro exemplo importante é o do pernambucano Joaquim Nabuco em *Minha formação* (1900), sua autobiografia, em que explicita o sentimento de dualidade vivenciado por brasileiros na Europa, “na América falta à paisagem, à vida, ao horizonte, à arquitetura, a tudo que nos cerca, o fundo histórico, a perspectiva humana; na Europa nos falta a pátria [...]. De um lado do mar sente-se a ausência do mundo; do outro, a ausência do país”. (Nabuco *apud* Arantes, 1992, p. 17). O descompasso tem várias dimensões. A questão da identidade é uma delas, o mal-estar viria por não sermos nem europeus, nem americanos do Norte. Por nos situarmos entre o “não ser” e a impossibilidade de “ser outro”, na boa tese agora de um crítico de cinema como Paulo Emílio Salles Gomes. A dificuldade real entre viver “pendurado no Ocidente” e a necessidade de não viver “pendurado no Ocidente”, ou como mostra Candido, através do poeta árcade mineiro Claudio Manoel da Costa: “fidelidade afetiva ao rústico berço mineiro, de um lado, fidelidade estética à norma intelectual e social da Metrópole, de outro lado” (Candido *apud* Arantes, 1992, p.19).

A dialética no pensamento de Antonio Candido é também uma questão de método. Extraíndo uma declaração do crítico numa conferência, Arantes sugere a existência de um método de análise: a “metodologia dos contrários”. Tal metodologia denota tanto uma concepção do caráter contraditório da realidade, num sentido mais geral, quanto a atenção para “o dinamismo específico da experiência cultural num país periférico” (Arantes, 1992, p. 25). A percepção de tal dinamismo, presente no

sentimento dos contrários, poderia ser expressa na tipologia de Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, assim como no “turbilhão meio amalucado” do pensamento de Silvio Romero, como já mencionado por aqui. O pensamento vagueia, rodeia o objeto, troca repentinamente de posições, procura “ver em cada tendência a componente oposta, deixando-se guiar por uma atitude que definia como um certo sentimento dos contrários – assim, na imposição cultural veria igualmente adaptação, na transfiguração da realidade, senso do contrário” (p. 25).

Em certa medida, Candido se filia a uma tradição própria ao pensamento brasileiro – aquela do ensaio histórico-sociológico, entre a criação literária e a pesquisa científica – cuja singularidade se transformou em forma original de interpretação do Brasil. O próprio ensaísmo histórico-sociológico feito no Brasil a partir do modernismo, mas não exclusivamente vinculado ao modernismo, expressa um modo de pensamento que se constrói em relação direta com a experiência brasileira, com a realidade social do país. O ensaio é um tipo de formalização conceitual e estética de uma forma social específica, com sua lógica própria, mas ao mesmo tempo vinculada ao mundo, como uma das variações totalizantes das movimentações dos ciclos do Capital.

Existe uma diferença entre o sentimento dos contrários e sua percepção pelos críticos mencionados dos anos 1930 e 1940, incluindo Antonio Candido a partir de 1950, e o que veio a ser a sua contraface ideológica: a noção de dualismo. A percepção da dualidade associada ao sentimento da dialética é de natureza distinta do dualismo, eis uma questão importante. O que faz, portanto, esta teoria crítica da modernidade alternativa ao cânone é associar a percepção da dualidade a uma perspectiva de base dialética.

É preciso notar que um livro como *Dualidade básica da economia brasileira*, de Ignácio Rangel, é de 1957, dois anos antes da *Formação*, de Antonio Candido. Aqui a tese do dualismo fica presente como tema para se compreender a relação econômica e social do país, que seria internamente feudal, com as relações sociais baseadas no escravismo, e externamente capitalista, com a exportação da produção para os mercados mundiais. Como se houvesse, de fato, duas temporalidades históricas. Uma, do Antigo Regime, de base feudal. Outra, moderna, do capitalismo mercantil e industrial.

Posteriormente, as teses funcionalistas da modernização viriam a consolidar a percepção de tal dualismo, explicitando a existência de duas dimensões no país, uma arcaica, residual, marginal, outra moderna,

avançada, funcional. Seria questão de tempo e ações ajustadas para que a face arcaica, tradicionalista, pré-moderna pudesse ser integrada à face moderna, avançada, capitalista. A integração eliminaria os traços coloniais e pós-coloniais, da fase do Império ainda de base escravocrata. Com isso o país superaria o dualismo, as resistências do “atraso” e se transformaria em uma nação plenamente moderna, no âmbito da economia, da vida social, das instituições políticas e também da cultura.

Se no funcionalismo a modernização viria a superar o atraso colonial através de um movimento que teria como base o processo de industrialização e urbanização acelerada, no marxismo “oficial” a modernização poderia vir através de uma revolução burguesa, que seria acelerada pela aliança entre a burguesia nacional e a classe trabalhadora organizada através dos sindicatos e outras organizações proletárias. A aliança permitiria ao país dar o passo adiante e formalizar institucional e socialmente uma revolução burguesa aos moldes das revoluções burguesas europeias.

Com Florestan Fernandes e a sociologia uspiana, a dualidade se dá entre a conceituação da sociologia europeia e dos EUA, especialmente com a relação de integração entre ator e sistema, e as diversas “anomalias” do modelo brasileiro, em que os atores parecem não se adequar às suas funções e, com isso, só raramente se integram ao sistema social. A modernização do país foi gerando atores sociais com uma série de ambivalências constitutivas, de âmbito também estrutural. A estrutura social do país se modificava, ia se tornando mais industrializada, mas sem perder a feição agrária. O mesmo entre os atores que passavam pelo processo de socialização de caráter mais urbano, sem perder, no entanto, o jeito rural. Como se houvesse resquícios ainda presentes, “restos” de um tipo de organização social mais próxima ao Antigo Regime e pré-moderna.

O sentimento dialético dos contrários passara assim por um processo de depuração que envolvia múltiplas leituras, na ciência econômica, sociologia, ciência política e assim por diante. Parecia, diz Arantes, ir em alguma medida se desfazendo, ao menos no âmbito analítico. Ou, mais especificamente, numa dimensão sociológica. Curiosamente, neste mesmo período, ele parece novamente se fortalecer através das formas artísticas, em diferentes tipos, no teatro, cinema literatura e canção popular.¹⁰ Período

¹⁰ Muito da visada em torno das formas artísticas como objeto privilegiado de análise passa por esta constatação bem apresentada por Arantes. Nas formas artísticas, especialmente em seus experimentos mais ousados formalmente, era possível observar a presença dessa dualização, transformada ou não em sentimento da dialética. Os casos do cinema novo, tropicalismo e os teatros políticos do período são alguns dos bons exemplos.

que coincide com o golpe militar de 64 que viria a ser uma contrarrevolução a um processo de modernização social forjada pela confluência de forças da esquerda cultural, das movimentações de trabalhadores organizados nos sindicatos e nas organizações camponesas, e de parte significativa da inteligência mais avançada do país. O golpe militar barrara a modernização e, com ela, as propostas de superação do nosso atraso colonial, escravocrata, tradicionalista. Com o golpe, passamos a ver ressurgir tipos sociais, formas estruturais que estavam sendo deixadas de lado e que agora retornavam como fantasmagorias integradas ao obscurantismo e à institucionalização da violência política como prática do Estado. Este o tema de um dos mais importantes artigos de Schwarz (1978): “Cultura e política 1964-1969”.

3. O lugar das ideias fora do lugar

No mesmo período, início dos anos 1970, aparecem dois textos fundamentais para os nossos propósitos: “Dialética da malandragem”, de Antonio Candido, e “As ideias fora do lugar”, de Roberto Schwarz. Poucos anos depois, em 1979, Schwarz publica “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’”. No primeiro texto, Candido faz um estudo em torno de um romance menor brasileiro do século XIX: *Memórias de um sargento de milícias*.

O romance de Almeida foi escrito na segunda metade do século XIX, no Brasil imediatamente pós-colonial, que bambeava entre liberalismo e escravidão. Arantes chama a atenção para o que considera ser duas concepções de dialética no artigo de Candido. Uma, baseia-se na redução estrutural da forma social à forma artística, sendo esta última uma maneira de estilizar dinanismos sociais. Outra é a que chamamos mais propriamente de dialética da ordem e da desordem. A primeira tem a característica de um método de análise, de base materialista e com forte teor de crítica estética, ou, mais precisamente, estético-social. A segunda tem como base a experiência social de sociedades como a brasileira, “uma mediação ancorada num dinamismo social [...] Uma dialética inconclusiva, portanto, que não parece ter fim, acomodando os campos opostos num sistema de equivalência e contaminações recíprocas” (Arantes, 1992 p. 53) e que, a seu modo, retoma o problema da percepção da dualidade. Significativo é o fato de que tanto

a percepção da dualidade quanto o sentimento da dialética são partes da “ambígua dialética da mentalidade colonizadora”, ou seja, a gênese se situa sempre na problemática colonial, demonstrando o quão fundamental para estes autores é a questão da problemática do colonialismo ou das relações entre modernidade e colonização.

Em “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’”, Schwarz (1987a) sugere ser o texto de *Candido* o primeiro exemplo significativo do estudo das formas artísticas como formalizações estéticas de processos sociais e históricos, de base dialética. O lugar da intuição central da análise é a forma artística e suas relações com os processos sociais, tanto no enredo (o vai e vem entre ordem e desordem na trama) quanto na própria escrita (o modo de estruturação da narrativa). Ela vai revelando formalmente um ritmo próprio a sociedades como a brasileira.

Segundo o crítico, *Candido* evidencia a “formalização estética de um ritmo geral da sociedade brasileira da primeira metade do século XIX” (Schwarz, 1987a [1979], p.132). O artigo tem importância fundamental por ser, segundo Schwarz, um estudo propriamente dialético no ambiente da teoria crítica e do marxismo brasileiro, com a descoberta de uma espécie de dispositivo social próprio a sociedades como a brasileira, através da sua formalização estética em um romance menor da segunda metade do século XIX. O texto faz, ainda mais, uma crítica à visão dogmática do sociologismo/marxismo vulgar, que desconsideraria a dimensão formal da obra artística, ao lado de uma crítica ao formalismo desvinculado da prática histórica/social, como no caso do estruturalismo. Estamos diante, assim, de uma crítica dupla. Ao mesmo tempo temos também a sugestão de uma outra forma de análise dialética, desdogmatizada e formal.

Uma das questões importantes em relação a este texto é o fato de tratar as formas artísticas como campos estruturados e relativamente autônomos, assim como a sociedade. Em geral, nos estudos marxistas do período, a literatura, para usar um exemplo, era utilizada de modo instrumental, como se fosse um “documento da realidade” para uso sociológico ou “crítico”. As questões estéticas e formais acabavam sendo desconsideradas, ou subordinadas ao social, à sociedade e às “relações de poder” e “dominação”, como se diz hoje em dia. Um dos fatores que explicariam essa lógica é o que trata a esfera literária ou artística como se fosse um campo não estruturado, ou seja, dependente do social, da sociedade, que seria o campo estruturado.

Como suposto único campo estruturado, a sociedade seria o lugar da verdade sobre a forma artística, esta última mera derivação, ou epifenômeno do social. O pressuposto é o de que as informações mais relevantes sobre o suposto campo não estruturado (a literatura, as formas artísticas) se situariam no campo estruturado (a sociedade, os processos sociais). Algo diferente acontece quando os dois campos estão estruturados e, portanto, possuem uma lógica autônoma, com suas próprias regras de constituição e de validade. Nesse sentido, um campo não pode ser usado como mero ilustrador, fonte documentária do outro. Um campo não confirma a lógica do outro, pois ele tem autonomia de sentido.

Uma resposta em especial de Schwarz (2012b) na entrevista “Na periferia do capitalismo”, deixa isso muito claro. O entrevistador sugere que a crítica de Candido seria pioneira por lançar um olhar sociológico para a literatura do país, “bem fincada na materialidade das relações sociais”. A resposta de Schwarz é, sob vários aspectos, reveladora do seu próprio caminho na crítica literária e sociológica. Segundo o crítico, “invertendo os seus termos, Antonio Candido lança à visão histórico-sociológica do país – que ele conhece como poucos – um olhar atravessado pela experiência e pela análise literária, em cujo valor de revelação ele acredita e a que deve as suas descobertas.”. O pioneirismo se situaria, portanto, não numa suposta perspectiva sociológica na análise da literatura brasileira. Ao contrário, Candido faz uma inversão e “dá cidadania plena ao ângulo estético” (Schwarz, 2012b, p. 287).

Candido propõe ler o romance sobre fundo real e estudar a realidade sobre fundo de romance. Mas isso sem tratar as esferas (o real e a forma artística) como se fossem derivações ou epifenômenos um do outro. Mantendo a sua autonomia. Para manter a autonomia é necessário tratá-los a partir da perspectiva formal, ou melhor, pensá-los (a realidade social e a literatura) como forma. Assim, fazer este tipo de análise exige conhecimento formal sobre a obra de arte analisada, levando em consideração a sua autonomia e estruturação próprias.

Neste vaivém entre sociedade e literatura, tratadas como forma, vão se descortinando princípios mediadores que sugerem níveis de articulação entre as esferas. Estes níveis de articulação vão gerando, por sua vez, uma espécie de estrutura das estruturas, pois abarcam as duas estruturas (social e artística). A explicitação dessa estrutura das estruturas é o trabalho propriamente da crítica de extração dialética, interessada tanto nos processos sociais quanto

nas formas artísticas. E é a partir dela que se revela o dispositivo social da dialética da malandragem, formado por uma série de ambivalências que faz com que os personagens vivam entre a norma e a anomia, a ordem e a desordem, a lei e o arbítrio e possam transitar entre estes polos como se eles fossem facilmente substituíveis uns pelos outros. A validade da norma é garantida pelo arbítrio. A desordem regula a ordem. A lei impõe a anomia. Ao mesmo tempo que os personagens vivem num mundo “sem culpa”, no sentido de que transigir lei, ordem, norma é parte do funcionamento “anômalo” da vida social, praticada de cima a baixo. Como se fosse, de fato, uma espécie de “lei social” internalizada a seu modo pelos atores sociais e tornada regra comum nas relações, processos e interações sociais.

Outro texto fundamental, também de Schwarz, é “As ideias fora do lugar”, originalmente publicado em francês em 1972, depois em português, em 1973. O que o texto revela é o modo de funcionamento das ideias liberais na periferia do capitalismo. Trata-se de um modo singular, mas dependente. Não parte, mas expressão da totalidade do capitalismo, uma expressão própria, distinta do centro. Ele se dá através de uma série de desarranjos, desajustes, disparates se comparado com o modelo europeu e, posteriormente, também dos EUA. Como se houvesse um dualismo, no sentido já apresentado. O dualismo mascara a realidade do desenvolvimento desigual e combinado entre centro e periferia, ao mesmo tempo que é uma expressão real da percepção da dualidade como traço constitutivo de sociedades como a brasileira.¹¹

O contexto histórico é o século XIX e nele se insere a constatação, tanto entre “conservadores” quanto entre “progressistas”, de que as ideias do universalismo liberal soam como postiças, fantasiosas em solo brasileiro, tendo em vista a realidade social objetiva da escravidão como força de trabalho. O descompasso é da mesma natureza da ambivalência norma/anomia apresentada a partir do texto de Candido. Estas duas dimensões, o descompasso entre ideias e lugar e o jogo de ambivalência norma/anomia, são

¹¹ Entre alguns dos seus principais críticos podemos destacar nomes como os de Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder, Luís Werneck Vianna, mas também podemos incluir intelectuais que se formaram no mesmo campo intelectual paulista, tais como Maria Sylvia Carvalho Franco e Alfredo Bosi, entre outros. Numa perspectiva mais próxima de uma variante de uma sociologia mais tradicional, ver Sérgio Miceli (2007). Para um estudo mais acurado da gênese e recepção, ver Fischer (2021), especialmente o capítulo “O modelo ‘ideias fora do lugar’”. Importante notar que o crítico realça a recepção ampla do texto, influenciando críticos literários estrangeiros como John Gledson e Franco Moretti; críticos de cinema como o já citado Ismail Xavier; críticos de arte como Rodrigo Neves, denotando, mais uma vez, o amplo arco de disseminação e apropriação produtiva dessa linhagem da teoria crítica da modernidade a partir da periferia.

encaradas como fato social com alto grau de generalidade. Em outras palavras, podemos dizer que “As ideias fora do lugar” e “Dialética da malandragem” evidenciam o modo original como a história mundial do capitalismo e da modernidade nos atravessa. Revelam muito da formação do país, mas também, ao mesmo tempo, revelam o modo como a história mundial se expressa a partir da periferia: “repisando, o dado de observação tem horizonte local, mas o horizonte último da análise é globalizador e ironiza o primeiro, que pode ironizá-lo por sua vez.” (Schwarz, 2012c, p. 169)

É fundamental ficarmos atentos à parte final do trecho mencionado acima. O horizonte último da análise é globalizador, ou seja, abarca a totalidade e atualidade do capitalismo. Nesse sentido, “ironiza o primeiro”, ou seja, provincializa, coloca em suspenso a suposta universalidade da perspectiva de centro, tanto política quanto epistêmica. Mas, ao mesmo tempo, a perspectiva de centro pode também ironizar o segundo, ou seja, colocar em suspenso nacionalismos míticos, ou mitologias compensatórias que podem atribuir uma valoração política e epistêmica superior à periferia. Em outros termos, os autores não caem num binarismo epistemológico.

Um outro trecho de “Por que ideias fora do lugar?” (2012), publicado posteriormente, serve de maneira notável para compreendermos a lógica da sua argumentação. Num primeiro momento, a constatação da condição pós-colonial, “sumariamente, a causa do mal-estar ideológico mencionado está no processo internacional iniciado com a descolonização, ou, trocando o ângulo, com a Independência” (Schwarz, 2012c, p.168). O processo de descolonização ou “independência” se dá através de uma situação inusitada, o disparate que caracteriza as ideias fora do lugar “como todos sabem, esta se apoiou em ideias e instituições variadamente liberais, de inspiração europeia e norte-americana, ao mesmo tempo que conservou muito das formas econômicas da Colônia, como não podia deixar de ser, produzindo um desajuste de base.” (Schwarz, 2012c, p. 168). A integração, assim, das novas elites nacionais “pós-coloniais” se dava através do aprofundamento, não da negação, das explorações coloniais, “aquelas mesmas que o ideário liberal deveria suprimir” (p. 169).

Temos aqui um dos polos da análise. O horizonte local tem a sua especificidade, e isso se nota através do arranjo heterodoxo entre o ideário liberal das novas elites nacionais e a reprodução da base escravocrata, “antiliberal”. No entanto, o movimento de análise não para por aí. É que

a singularidade nacional está integrada ao horizonte global, ou em outras palavras, ela é parte do modo de funcionamento do sistema mundial: “noutro plano, entretanto, a dissonância vexatória integrava-se ao contexto mais abrangente, dizendo respeito à nova divisão internacional do trabalho ou à própria ordem mundial que se estava implantando, de que era uma verdade.”(Schwarz, 2012c, p.168). Desse modo, podemos dizer, estamos diante de um modo de expressão da nova ordem mundial, num espaço social que estava passando por um processo de descolonização e que explicitava os novos dispositivos de funcionamento sistêmico do capitalismo, sendo não uma anomalia mas “uma característica do presente mundial”.

O aparente descompasso deve ser visto também como criação da máquina do colonialismo que, no movimento em que condena a periferia a viver este descompasso, é condenado no mesmo processo, mostrando haver uma relação entre a dimensão “nacional” (o descompasso) e a dimensão “internacional” (a máquina colonialista). Ainda mais, diz o autor, “a consciência do descompasso servia como expressão dos limites mesmo do liberalismo – limites evidenciados pela relação impossível entre as ideias formalmente democráticas e a vida real numa sociedade escravocrata e recentemente tornada independente” e, por conta disso, poderia ter efeito crítico de esclarecimento – afinal de contas, evidenciavam a “impossibilidade do universalismo liberal”, pois estavam “inscritas num sistema que não descrevem nem mesmo em aparência, as ideias da burguesia viam infirmada já de início, pela evidência diária, a sua pretensão de abarcar a natureza humana” (Schwarz, 2018 [1973] p. 31). Voltaremos a isso mais adiante.

Uma outra passagem de “As ideias fora do lugar” deixa tudo ainda mais explícito, mostrando nitidamente o desenvolvimento da análise e o motivo de ela conseguir relevar dimensões próprias ao “mecanismo planetário” através de uma singularidade própria ao espaço nacional. “Partimos da observação comum, quase uma sensação, de que no Brasil as ideias estavam fora de centro, em relação ao seu uso europeu”, diz Schwarz. Ao fazer isso “apresentamos uma explicação histórica para esse deslocamento, que envolvia as relações de produção e o parasitismo no país, a nossa dependência econômica e seu par, a hegemonia intelectual da Europa, revolucionada pelo Capital”. Desse modo, continua o autor, “para analisar uma originalidade nacional, sensível no dia a dia, fomos levados a refletir sobre o processo da colonização em seu conjunto, que é internacional.” (Schwarz, 2018[1973], p.35). O processo é

internacional e a forma como ele se expressa na periferia do sistema o revela como um mecanismo planetário “O tic-tac das conversões e reconversões de liberalismo e favor é efeito local e opaco de um mecanismo planetário” (Schwarz, 2018[1973], p.35).

O texto explicita, ainda mais, um dispositivo social que estrutura as relações, processos e interações sociais em sociedades como a brasileira: a mediação do favor. Para os nossos propósitos, a mediação do favor não é um atributo exclusivo do Brasil, muito menos de países como o Brasil, mas uma forma de expressão da totalidade do sistema, um tipo de codificação da cisão e complementaridade entre centro e periferia. O caráter para além da dimensão nacional dos conceitos será tema de texto posterior, publicado por Paulo Arantes, em que sugere o que poderíamos chamar de uma “dialética da malandragem global”, como caracterização do tipo social das novas elites transnacionais do capitalismo neoliberal pós-Guerra Fria (Arantes, 2004).

A mediação do favor, como nossa “quase-mediação universal”, é parente próxima da dialética da malandragem. Ambas geram dispositivos sociais próprios que regulam as relações sociais e são, por sua vez, matéria-prima das formas artísticas. Elas estruturam relações, processos e interações sociais, além de condicionarem instituições, força produtiva e formas simbólicas. Elas são também formas de expressão social da totalidade do sistema capitalista e da modernidade. São figurações sociais do modo de organização da sociedade e de constituição da relação entre centro e periferia por parte do sistema capitalista. A mediação do favor não é bem um resquício de uma ordem política e social ultrapassada, muito menos a escravidão seria o resquício de uma ordem econômica também supostamente ultrapassada. Ambos, favor e escravidão são expressões da atualidade do sistema, tanto ideológica quanto material, desde que pensadas como integradas ao sistema na sua totalidade. Integrada de maneira perversa, mas funcional à reprodução da lógica do sistema.

A mediação do favor também gera uma série de quiproquós; entre eles, o uso da racionalidade para justificar o arbítrio, dos valores da impessoalidade para legitimar privilégios, o liberalismo moderno tendo como base produtiva o trabalho escravo. O problema de fundo é que, no dizer do autor, “ao tornarem-se despropósitos, essas ideias deixam de enganar”. Isso é uma dimensão que pode ter efeito emancipador em relação aos ideais do universalismo ocidental. Estes ideais, ao se mostrarem improváveis e mesmo

risíveis em sociedades profundamente desiguais, perdem o seu efeito de engano-encantamento. Passam a ser motivo de chacota, deboche, escárnio, no melhor dos casos. Mas também niilismo, resignação, melancolia. No pior, mal conseguem disfarçar o seu caráter ridículo, distante da realidade social concreta. É como se o modo de funcionamento do liberalismo em países como o Brasil pudesse ter efeito de esclarecimento crítico significativo, pois revela, malgrado suas intenções, a sua dimensão farsesca. Não que não fossem também farsescas no centro. Mas é que, na periferia, o seu modo de funcionamento é outro, como se fosse uma “ideologia de segundo grau”, ou uma espécie de oco dentro do oco. O efeito de esclarecimento é outro e pode contribuir também para o pensamento crítico, tal qual o fizera o pensamento crítico ao liberalismo nos países de centro. Como veremos mais adiante, a dialética sem síntese, tal qual apresentada por Arantes, tem uma série de afinidades com a “ideologia de segundo grau” de que fala Schwarz. Ambas podem ser consideradas como críticas à ideologia, na melhor tradição da teoria crítica, só que feitas a partir da periferia do capitalismo.

A presença da escravidão como base da produção, mesmo após a descolonização com a independência, tendo como modo de sociabilidade a mediação do favor, poderia ser pensada como traços “arcaicos”, “pré-modernos” ou mesmo “resquícios” do passado colonial que teimavam em se manter, a despeito do processo de independência, descolonização e modernização. Também poderiam ser pensadas como traços sociais ativos, atuais e funcionais para a nova divisão do trabalho internacional do capitalismo industrial, reordenação do sistema mundial e para a reconstrução das relações entre centro e periferia. Esta segunda possibilidade é a com que trabalha Schwarz e toda essa tradição de pensamento.

Em suma, o que se via era uma movimentação permanente de reposição do atraso, a cada mudança história significativa, como se o progresso travasse e a superação do polo oposto não se realizasse, a começar pelo século XIX. Ao contrário, havia algo como um giro em falso que fazia com que os polos ficassem suspensos no ar. E isso vale para uma série de oposições, tais como ordem e desordem, localismo e cosmopolitismo, norma e infração, ideia e efetividade, liberalismo e escravidão, posteriormente subdesenvolvimento e integração, desenvolvimento e dependência. Essa movimentação seria parte de um ritmo mais amplo, de âmbito global, mas revelado com mais nitidez a partir do horizonte local. Há quem veja, aliás, algo de positivo nisso, na

nossa “geleia geral”. Mas no caso dos teóricos aqui em tela, o diagnóstico é crítico e eivado, felizmente, de negatividade. São autores, é bom realçar, que realçam a negatividade da dialética, mas sem com isso desconsiderar seu poder para gerar emergências potencialmente transformadoras. São autores que, ainda mais, no dizer de Safatle (2019, p. 250), fazem uma crítica “às sínteses extorquidas e às reversibilidades permanentes. Uma dialética que se recusaria a dar, aos dilemas da dualidade, uma resposta positiva”. Mas vale dizer, ainda como o filósofo, que a dialética negativa não conduz, necessariamente, para o niilismo resignado ou para o conforto do grande hotel abismo (2019). O impasse, no entanto, existe, deve ser explicitado e encarado na sua crueza, faz parte das formas de objetivação social do Capital (Caux & Catalani, 2019).

4. O giro em falso da dialética sem síntese

Quando trata propriamente da obra de Machado de Assis, a lógica do argumento de Schwarz fica ainda mais clara. A prosa machadiana seria uma das formalizações mais poderosas dos processos sociais, históricos e políticos do sistema capitalista e da modernidade em geral, a partir da periferia, especialmente a prosa da segunda fase, tanto a romanesca, quanto os contos. Os exemplos são bem conhecidos, especialmente no livro *Um mestre na periferia do capitalismo* (1990), além de uma série de ensaios também publicados em livros. Entre eles, cabe destacar “Leituras em competição” (2012a), em que analisa o conto “O punhal de Martinha” (1894). O conto tem como narrador um intelectual de província que escreve sobre uma mulher, do interior da Bahia, que assassinou, com um punhal, um rapaz que ameaçava violentá-la. O narrador faz aproximações entre a história e o mito de Lucrecia, tal qual descrito por Tito Lívio. Lucrecia, após ser violentada, se suicida com um punhal. Seu suicídio gera uma rebelião que leva a uma revolta contra a tirania, ao fim da monarquia e ao início da república romana. Uma história acontecida no interior da Bahia de repente se encontra, com todo jogo de contrastes, ironias mútuas, espelhismos, com um dos mitos fundadores do Ocidente moderno.

Ao colocar lado a lado, com todas as suas incongruências, dissonâncias e antagonismos, um caso de uma cidade do interior baiano (o punhal de

Martinha), ao lado de um caso fundador da mitologia moderna (o punhal de Lucrecia), Machado de Assis, no dizer de Schwarz, “dá figura artística à posição em falso da ex-colônia” (Schwarz, 2012a, p. 40). Os dois polos, “pré-moderno” e moderno, periferia e centro, local e universal alternam posições, geram fricções outras, confundem categorias e criam um lugar novo, estranho, nem centro, nem periferia. A situação específica que coloca um cronista imaginário, o narrador do caso do punhal de Martinha, e as relações que faz com o punhal de Lucrecia explicitam uma série de quiproquós, entre eles, o jogo entre localismo e cosmopolitismo. E, mais profundamente, os próprios sentidos da condição colonial.

O processo de fundo é a formação da nacionalidade nas condições herdadas da colonização, inevitavelmente fora de esquadro, se o quadro forem as idealizações da Europa adiantada. Traduzindo os termos pelo seu desempenho, “local” é o déficit de mediações, o fosso escancarado entre o dia a dia semicolonial e a norma do mundo contemporâneo; e “universal” é o consagrado e obrigatório, a presunção de exemplaridade que se torna uma quimera ou uma estupidez quando aplicado sem mais à mesma circunstância (Schwarz, 2012a, p. 41)

Nesse sentido, a condição “nacional”, já considerada na sua dimensão colonial, é um fato real que, de uma forma ou outra, se apresenta ali na estruturação da escrita. No dizer de Schwarz, “ao desenvolver uma escrita em que os dois registros contracenam a seco e com ironia, incongruentes, complementares e descambando no seu contrário, Machado criava um equivalente estilístico dessa constelação histórica, além de colocá-la em movimento, com seus fortes momentos de verdade” (Schwarz, 2012a, p.41), extraindo daí uma nova relação entre universal e local: “o universal é falso, e o local participaria do universal se não estivesse isolado e posto à parte, um degrau abaixo” (p.41).

A visada que coloca em justaposição “cosmopolita” e “local”, “universal” e “particular”, gerando uma série de movimentações entre eles, com seus momentos de verdade, explicita uma situação histórica de ordem global através de uma condição singular. Os quiproquós permitem ver aparecer as limitações do modelo de universalidade europeu, ou posteriormente dos EUA, sem com isso conferir ao local qualquer grau de superioridade compensatória. Tudo isso revelando dimensões próprias à questão das classes sociais, pois

Machado provincianizava o narrador cosmopolita, segundo Schwarz, “uma operação formal decisiva”, ao mesmo tempo que retirava da segregação a matéria local, “esta saía do seu confinamento histórico e via-se intermediada por um vivíssimo jogo de interesses de classe atrasado-moderno, nacionais e internacionais, disfarçados de universais” (Schwarz, 2012a, p. 42).

O alto nível de desprovincianização e de dimensão crítica da literatura de Machado de Assis se revela, como mostra o autor, tendo como referente remoto “a ordem mundial desequilibrada e em litígio, de que o país faz parte”. Por conta disso, e novamente se esquivando de qualquer binarismo epistemológico, ou nacionalismo metodológico, “a última palavra não pertence à nação, nem à cultura hegemônica internacional, mas ao presente conflituado que as atravessa e desdiz” (Schwarz, 2012a, p. 42). O texto de Machado permite chegar a um possível “universal moderno”, nem concentrado no centro, nem na periferia, ao funcionar como uma espécie de “[...] caricatura do presente do mundo, em que as experiências locais deixam mal a cultura autorizada e vice-versa, num amesquinamento recíproco de grande envergadura, que é um verdadeiro “universal moderno” (Schwarz, 2012a, p.43)

E aqui podemos retornar a Arantes. Segundo o autor, em Schwarz a dialética aparece, desde já, sem síntese. A articulação possível entre local e universal não se realiza como tal, por conta do fato de que “colonialismo, imperialismo, dependência, luta de classes etc. simplesmente rifaram essa convergência”. O que se dá é outra coisa, ao invés da convergência através do jogo de espelismos entre local e universal: uma particularização do universal mediada pelas ironias do local.

Curiosamente, aqui se dá também uma dialética, “só que em outra chave, vinculando a feição local do universal e este mesmo universal, que assim particularizado deixa de sê-lo” (Arantes, 1992, p. 24). Com isso não se quer desacreditar qualquer possibilidade de constituição do universal, mas mostrar que, no caso em questão ao menos, “o universal não cumpre o que promete, quando não mente apresentando-se como já realizado”. A dialética brasileira, vamos dizer assim, ou talvez fosse melhor dizer a dialética a partir da experiência cindida da periferia do capitalismo, não se constrói como um movimento de integração local ao universal, e vice-versa, mas como explicitação da impossibilidade de tal integração, daí o seu caráter de dialética “sem síntese”, francamente desagregadora e de caráter negativo.

A prosa machadiana, já compreendida como formalização estética da realidade social brasileira, é uma expressão de um tipo de dialética que se realizou em espaços sociais com histórico colonial e pós-colonial como o Brasil. Aqui teria se dado menos uma dialética clássica, que requer realização da sociedade burguesa, progresso, inclusive no âmbito falseado do liberalismo político e econômico, do que uma dialética negativa, que deixa o conflito suspenso no ar e gera uma série de reversibilidades entre os polos antagônicos: “se a chamarmos de dialética negativa, como já o fizemos, estaremos dando um nome que consta do repertório clássico, mas traduz o timbre específico do segundo Machado, especializado, como se sabe, no capítulo das negativas” (Arantes, 1992, p. 111).

No caso do Brasil, nossa condição de arranjo disparatado entre liberalismo e escravidão, sociedade de mercado e atraso social era não uma aberração diante da norma, ou um desvio diante do avanço uniforme, mas, ao contrário, expunha a atualidade do sistema capitalista. Não era resíduo, mas parte integrante, figura viva da dialética do esclarecimento. O mesmo em relação, é claro, ao narrador do romance machadiano da segunda fase. Ele faz uma curiosa dialética do esclarecimento. A volubilidade do narrador como que nega a realização do esclarecimento, daí o seu caráter de ideologia desmistificada – ao mesmo tempo que é uma forma crítica de esclarecimento, a seu modo, como uma teoria crítica moderna da modernidade “[...] ao desmanchar a estampa moderna de nossos figurões, sem elogiar o atraso ia desqualificando o progresso, do qual aquele fazia parte.” (Arantes, 1992, p. 116). Mas, ponto crucial, “[...] embora contrarie a consistência do sujeito moderno e seja por ele desautorizada, a volubilidade, na sua vertiginosa troca de posições, exige recursos intelectuais e estilísticos próprios das Luzes”. Em suma, a desenvoltura do narrador é, em si mesma, expressão do esclarecimento.

A um só tempo, a volubilidade do autor é ultrailuminista e se coloca *adiante* do esclarecimento, mas pode também se situar *aquém* do iluminismo, denotando um estágio anterior, caso se desconsidere essa filiação, cheia de tensões, com a *Aufklärung*: “aqui a chave comprometedora, pois a lepidéz ideológica deste mesmo homem culto é um resultado da ilustração: sem o processo do qual ela é o resultado, a *Aufklärung* suspensa no ar transforma-se no seu contrário e passa a funcionar como peça-chave da apologética oligárquica” (Arantes, 1992, p. 117)

Num quadro geral, o desencantamento com as promessas de emancipação da modernidade tem como um dos marcos históricos decisivos as ações socialistas da metade do século XIX. Ali se tentava avançar o esclarecimento e se via, ao mesmo tempo, esforços de conservadorismo por parte dos próprios apólogos do esclarecimento. A emancipação já realizada era uma ideologia. A emancipação como trabalho a fazer era também esclarecimento. A relação entre atraso e progresso, primitivismo e vanguarda estética, entre outras combinações possíveis, não salva nenhum dos polos, muito ao contrário.

São correspondências críticas (entre centro e periferia) afinadas com o esvaziamento planetário da civilização burguesa: nos países centrais, a partir da reviravolta de 1848, quando as classes proprietárias passam para a defensiva e o esclarecimento muda de sinal; nos países periféricos, quando o imperialismo tira consequências desta mesma metamorfose do capital (Arantes, 1992, p. 121).

De um lado, as revoluções socialistas na Europa. De outro, a readequação dos países que estavam passando por um processo de descolonização na periferia, entre eles o Brasil. Em ambos os momentos, uma reação do esclarecimento, que passa para a defensiva tanto na periferia quanto no centro. Mas que pode também passar para a ofensiva e gerar emancipação, tanto na crítica ao liberalismo feita a partir do centro, de forte traço anti-imperialista, quanto na crítica feita a partir da periferia, de traço marcadamente anticolonial. Não seria nessa conjunção de “interesses” teóricos e práticos, entre uma teoria crítica da modernidade, a partir do centro, de traço marcadamente socialista, e uma teoria crítica da modernidade a partir da periferia, com sensibilidade pós-colonial, ambas anticapitalistas, que poderia haver uma possível “superação” dos impasses da dialética sem síntese, em suma, da própria dialética negativa?

Conclusão

A percepção da dualidade se associa a uma constatação: o curso original do capitalismo central não se deu da mesma maneira na periferia. O pressuposto é o de que em países como o Brasil se desenvolveu “um certo capitalismo”, com suas características próprias. Daí que divisões como metrópole e colônia, atraso e progresso, desenvolvimento e subdesenvolvimento, tradicionalismo

e modernização, hegemonia e dependência têm a sua relevância no quadro, desde que sejamos capazes de pensá-las através dos seus diferentes níveis de articulação, como expressões da totalidade do sistema capitalista. Totalidade que não vem despida de uma gama variada de níveis de estratificação, incluindo a que faz parte da relação colônia e metrópole, que demarca a especificidade de países com histórico colonial e pós-colonial, caso do Brasil, por exemplo.

Quando discute a análise de Schwarz a respeito do método de composição em Machado de Assis, mostrando como a técnica do narrador volúvel estiliza em forma estética os dinamismos da forma social de sociedades como a brasileira, Arantes aproxima a composição do narrador de Machado da dialética da malandragem de *Candido*, denotando a existência de uma descoberta em comum feita pelos dois críticos e sociólogos, como procuramos fazer. Existe na volubilidade um “andamento binário”, como diz Arantes, formado por um jogo permanente de “alternativas, paralelismos, antíteses, simetrias e disparidades”. Os pontos de vista, assim, são sempre duplicados por suas antíteses. O ritmo da composição em geral segue essa dinâmica de simultaneidade entre pares opostos. Essa dialética original posteriormente será chamada também de dialética negativa, ao lado de uma renomeação da percepção da dualidade, agora denominada dualidade colonial-burguesa. Isso acontecerá num momento da análise em que ficará explicitada a base de fundamentação histórica da conceituação do que estamos chamando de teoria crítica da modernidade alternativa ao cânone.

A fundamentação histórica é um processo bem mais amplo de desagregação do sistema colonial, especialmente a partir do século XVIII, com a revolução industrial, as revoluções burguesas e, pouco tempo depois, o processo de descolonização no século XIX, para citarmos o caso brasileiro e também de boa parte dos países da América Latina. Na desagregação do sistema colonial, tal qual constituído a partir do século XV, haverá um reposicionamento da escravidão moderna e do colonialismo. Reposicionamento que terá importância significativa para a formação do Estado-nação brasileiro e que será estilizado pela prosa literária de Machado de Assis, tema da análise de Roberto Schwarz. Daí a afirmação de Schwarz de que a forma textual de Machado evoca os movimentos cíclicos do Capital. Nesse sentido, dá para afirmar que Machado de Assis é um escritor com clara sensibilidade pós-colonial, moldada por uma perspectiva da teoria crítica. Uma teoria

crítica pós-colonial, se podemos chamar assim. E *avant la lettre*, ao menos se pensarmos a teoria crítica exclusivamente associada ao instituto de pesquisa social de Frankfurt, nas primeiras décadas do século XX.

Mas é óbvio que estamos exagerando um pouco. Esta concepção a respeito da prosa machadiana é o resultado do desenvolvimento de uma teoria crítica construída no Brasil da década de 1960, já informada pela escola frankfurtiana e suas variações. A leitura de Machado feita especialmente por Schwarz, muito influenciada por Candido e posteriormente incorporada analiticamente por Arantes, é uma das leituras possíveis da prosa machadiana. Por extensão, uma variação possível da teoria crítica, com sensibilidade pós-colonial, levando a sério a tensão entre o *falso universalismo* europeu e dos EUA e o *lugar em falso* dos países da periferia do capitalismo.

Referências

- Arantes, Paulo Eduardo. (1992). *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira. Dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. Paz e Terra.
- Arantes, Paulo Eduardo. (1997). Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo. In: P. Arantes, & O. Arantes. *Sentido da formação: três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lucio Costa*. (pp. 11-64). Paz e Terra.
- Arantes, Paulo Eduardo. (2004). A fratura brasileira do mundo: visões do laboratório brasileiro da mundialização. In P. Arantes. *Zero à Esquerda*. (pp. 31-112). Conrad.
- Arantes, Paulo Eduardo. (2021). *Formação e desconstrução: uma visita ao museu da ideologia francesa*. Editora 34.
- Arantes, Paulo, & Arantes, Oflia. (1997). *Sentido da formação: três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lucio Costa*. Paz e Terra.
- Ballestrin, Luciana. (2013). América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, (11), 89-117. <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>
- Campos, Haroldo de. (2011). *O sequestro do Barroco na Formação da literatura brasileira*. Iluminuras.
- Candido, Antonio. (1970). Dialética da malandragem. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, (8), 67-89.
- Candido, Antonio. (1971). *Tese e antítese: ensaios*. Companhia Editora Nacional.
- Candido, Antonio. (1991). De cortiço a cortiço. *Novos Estudos CEBRAP*, 2(30), 111-129.
- Candido, Antonio. (2000). *Formação da literatura brasileira*. Itatiaia.
- Cardoso, Fernando Henrique. (1962). O método dialético na análise sociológica. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Belo Horizonte, 2(1), 85-106.
- Caux, Luiz Philipe de, & Catalani, Felipe. (2019). A passagem do dois ao zero: dualidade e desintegração no pensamento dialético brasileiro (Paulo Arantes, leitor de Roberto Schwarz). *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, (74), 119-146. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i74p119-146>
- Césaire, Aimé. (1978). *Discurso sobre o colonialismo*. Livraria Sá Costa Editora.

- Fanon, Frantz. (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. de Sebastião Nascimento. Ubu Editora.
- Fanon, Frantz. (2005). *Os condenados da terra*. Editora UFJF
- Fischer, Luís Augusto. (2021). *Duas formações, uma história: das ideias fora do lugar ao perspectivismo ameríndio*. Editora Arquipélago.
- Kehl, Maria Rita. (2018). *Bovarismo brasileiro*. Editora Boitempo.
- Maia, João Marcelo E. (2009). Pensamento brasileiro e teoria social: notas para uma agenda de pesquisa. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 24(71), 155-168. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092009000300011>
- Martins, Paulo Henrique. (2019). *Teoria crítica da colonialidade*. Ateliê de Humanidades.
- Miceli, Sérgio. (2007). O chão nas nuvens: ensaios de Roberto Schwarz entre arte e ciência. In: M. E. Cevalco, & M. Ohata. *Um crítico na periferia do capitalismo: reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz*. Companhia das Letras.
- Nobre, Marcos, & Rego, José. (1998). *Conversa com filósofos brasileiros*. Ed. 34.
- Querido, Fabio M. (2024). *Lugar periférico, ideias modernas: aos intelectuais paulistas as batatas*. Editora Boitempo.
- Ramos, Nuno. (nov. 2013). No Palácio de Moebius: João Gilberto, Lygia Clark, Graciliano Ramos, Mira Schendel e a modernidade brasileira girando na vitrola sem parar. *Revista Piauí*, (86).
- Rangel, Ignácio. (2005). Dualidade básica da economia brasileira (1957). In: C. Benjamin (org.). *Obras Reunidas*. (Vol. 1, pp.285-354). Contraponto.
- Rodrigues, Lidiane S. (2011). *A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e um seminário (1958-1978)*. Tese (Doutorado em História Social), Universidade de São Paulo.
- Safatle, Vladimir. (2019). *Dar corpo ao impossível: o sentido da dialética a partir de Theodor Adorno*. Editora Autêntica.
- Said, Edward W. (2007). *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Companhia das Letras.
- Santiago, Silviano. (2000). O entrelugar do discurso latino-americano. (1971). In: S. Santiago. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. (pp. 9-26). Rocco.
- Schwarz, Roberto. (1978). Cultura e política, 1964-1969. In: R. Schwarz. *O pai de família*. Paz e Terra.

- Schwarz, Roberto. (1987a). Pressupostos, salvo engano, de dialética da malandragem. *In: R. Schwarz. Que horas são?* Companhia das Letras. (Publicado originalmente em 1979).
- Schwarz, Roberto. (1987b). Nacional por subtração. *In: R. Schwarz. Que horas são?* Companhia das Letras.
- Schwarz, Roberto. (1999). Um seminário de Marx. *In: R. Schwarz Sequências Brasileiras*. Companhia das Letras.
- Schwarz, Roberto. (2000a). *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. Duas Cidades/Editora 34. (Publicado originalmente em 1977).
- Schwarz, Roberto. (2000b). Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis. Duas Cidades/Editora 34. (Publicado originalmente em 1990).
- Schwarz, Roberto. (2012a) Leituras em competição. *In: R. Schwarz. Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas*. (pp.9-43). Companhia das Letras.
- Schwarz, Roberto. (2012b) Na periferia do capitalismo. *In: R. Schwarz. Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas*. (pp. 280-304). Companhia das Letras.
- Schwarz, Roberto. (2012c). Por que ideias fora do lugar? *In: R. Schwarz. Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas*. (pp. 165-172). Companhia das Letras.
- Schwarz, Roberto (2018). *As ideias fora do lugar*. Coleção Cadernos Ultramares. Editora OCA/Azougue. (Publicado originalmente em 1973).
- Xavier, Ismail. (1990). Alegoria, modernidade, nacionalismo. *Novos Rumos*, 5(16), 49-72.
- Wisnik, José Miguel. (2003). Machado maxixe: o caso pestana. *Teresa. Revista de Literatura Brasileira*, (4/5), 13-79.

Recebido: 14 abr. 2025

Aceito: 22 jul. 2025.



Licenciado sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)